



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DURANTE O  
ENSINO REMOTO NA PANDEMIA DA COVID-19.**

**BRENDA CRISTINA DA SILVA**

2022  
Mariana-MG



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



**BRENDA CRISTINA DA SILVA**

**RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DURANTE O  
ENSINO REMOTO NA PANDEMIA DA COVID-19.**

Trabalho de Conclusão de Curso sob o formato de relato de experiência apresentado à disciplina de Monografia do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para obtenção do título de Pedagogo(a).

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Cristina de Almeida Rodrigues

Prof. da disciplina de Monografia: Dr. José Rubens Lima Jardimino

2022  
Mariana-MG

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586r Silva, Brenda Cristina Da.  
Relação família-escola [manuscrito]: dificuldades de aprendizagem durante o ensino remoto na pandemia da COVID-19. / Brenda Cristina Da Silva. - 2022.  
23 f.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Cristina de Almeida Rodrigues.  
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Inabilidade na leitura. 2. Alfabetização. 3. Ensino à distância. I. Rodrigues, Paula Cristina de Almeida. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 37.018.43

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Brenda Cristina da Silva**

Relação família-escola: dificuldades de aprendizagem durante o ensino remoto na pandemia da COVID-19.

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia

Aprovada em 07 de Julho de 2022

### Membros da banca

Doutora - Paula Cristina de Almeida Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Doutor - José Rubens Lima Jardimino - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Paula Cristina de Almeida Rodrigues, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 07/07/2022



Documento assinado eletronicamente por **Paula Cristina de Almeida Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/07/2022, às 11:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0359057** e o código CRC **F5597FD8**.

## RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência que traz minhas vivências como residente em uma escola pública de Mariana, onde acompanhei um menino nas aulas online no processo de alfabetização durante a pandemia do Covid-19. Nessas aulas foi observado o comportamento do aluno, suas dificuldades, habilidades, falta de concentração e atenção e também foi observado o núcleo familiar deste aluno que despertou no grupo vários debates e questionamentos. Com esta pesquisa gostaria de compreender os processos de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento no contexto da pandemia e de ensino não presencial, quando os familiares passaram a mediar e orientar de forma mais efetiva a realização das atividades escolares. Este relato de experiência tem como base uma pesquisa qualitativa, e para a análise de dados foram usados atas e gravação do Google Meet das reuniões do subgrupo de alfabetização do residência pedagógica. Mediante as análises feitas concluí que o ensino remoto nos possibilitou observar como a falta de recurso tecnológicos impediu que os professores atuassem de forma efetiva no processo de ensino e aprendizagem, também evidenciou aspectos da relação família e escola que, por muitas vezes, impediram os responsáveis de atuarem como orientadores na educação escolar das crianças.

**Palavras-chaves:** Relação família-escola, dificuldade de aprendizagem, Psicogênese da língua escrita, alfabetização e letramento, ensino remoto.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	4
<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b>	7
<b>O PROCESSO INICIAL DE APRENDIZAGEM DA ALFABETIZAÇÃO E A RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA</b>	8
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	19
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	21

## INTRODUÇÃO

Em abril de 2021 iniciei um trabalho como residente no Projeto Residência Pedagógica na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) pelo Departamento de Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS). A escola onde acontece a residência faz parte da rede municipal de ensino do município de Mariana, Minas Gerais, que fica em um bairro de classe social baixa e atende níveis de ensino da pré-escola, ensino fundamental - anos iniciais e ensino fundamental - anos finais. A turma que acompanho é do segundo ano do ensino fundamental I - anos iniciais. O projeto de Alfabetização – Anos Iniciais do Ensino Fundamental foi orientado pela Professora Doutora Paula Cristina de Almeida Rodrigues, e pela professora Olímpia Proti de Oliveira, formada em pedagogia pela UFOP, que era a professora regular da turma do segundo ano da escola.

A minha intenção com este relato de experiência é tratar da minha trajetória durante o Programa Residência Pedagógica, analisar/compreender os comportamentos e a relação família e escola neste período de pandemia e ensino não presencial, e como isso atingiu as crianças no processo de ensino-aprendizagem.

Devido a pandemia da Covid-19 as instituições educacionais e os Subprojetos do Programa Residência Pedagógica passaram por mudanças. As escolas da cidade de Mariana aderiram ao Plano de Ensino Tutorado (PET) que foi criado e elaborado pelo estado de Minas Gerais. Esse material didático é composto por atividades de todas as disciplinas e era enviado para a casa dos alunos. Parte das atividades eram feitas com o auxílio da família e da professora pelo grupo do WhatsApp, e parte era feita durante um dia da semana quando a professora se reunia com os alunos para uma aula via Google Meet, infelizmente o índice de frequência era muito baixo, normalmente só um aluno participava das aulas.

Com essas mudanças nas instituições escolares, o Subprojeto de Alfabetização do Programa Residência Pedagógica também teve que se reorganizar. As reuniões e formações eram todas remotas e por meio de chamadas no Google Meet. Nos reuníamos semanalmente com a orientadora do projeto e a preceptora, professora regente da turma que acompanhamos, para pensarmos práticas pedagógicas, melhorias, possibilidades de ensino entre outros. Durante a semana também participamos das aulas síncronas ministradas pela preceptora que realizava as atividades dos PET's com os alunos. Aconteciam semanalmente com os alunos da turma aulas remotas de alfabetização ministradas pelas residentes, que realizavam atividades a partir de propostas pedagógicas previamente elaboradas.

Durante as aulas e reuniões decidimos realizar uma avaliação diagnóstica e a partir dos resultados organizamos os alunos em grupos conforme os níveis de desenvolvimento da escrita definidos pela teoria

da psicogênese da língua escrita e assim, iniciamos um trabalho mais específico conforme o nível de alfabetização que cada aluno se encontrava. Os alunos foram divididos em pré-silábicos, silábicos em transição e alfabéticos. Com a divisão dos grupos fiquei com o grupo silábico em transição, o grupo era composto por três residentes e três alunos do segundo ano, porém após o contato com os pais descobrimos que somente um aluno participaria das aulas online. O aluno em questão morava no mesmo bairro da escola, possuía uma família grande, composta pela mãe e vários irmãos, durante as aulas pude perceber que a casa era simples e pequena, muitas das vezes toda a família ficava no mesmo cômodo que o aluno enquanto estava acontecendo a aula. O aluno era frequente e quando tinha que faltar a mãe sempre justificava as faltas, era nítido a importância que a mãe dava para a escolarização do filho, ela mostrava vontade de ver o filho acertando as atividades e evoluindo a cada dia.

No entanto, pude perceber durante as aulas que a mãe sempre interferia, ela fazia questão de acompanhar as chamadas de vídeo, para se certificar que o filho estaria participando e aprendendo, era notável que ela não tinha paciência de esperar o filho responder, então ela sempre revelava/dava a resposta pronta para ele, além de não ter paciência para ensinar o filho. Era perceptível que a mãe fazia muita pressão para ele responder e acertar tudo, ela não aceitava os erros do filho, quando o filho não sabia, ou não respondia ela ficava brava e o xingava. Além de todos esses conflitos e interferências da mãe, as aulas eram bem conturbadas pois a mãe queria estar perto do filho, mas também queria participar das atividades domésticas como conversar com outros filhos, ver televisão, conversar ao telefone, entre outros e isto acabava acarretando a distração do aluno durante as aulas. Essa experiência me fez elaborar os seguintes questionamentos: por que o aluno tem tanto medo de errar? por que não consegue expressar suas dúvidas? Será que as atitudes da mãe o faziam se sentir oprimido ou com medo? os irmãos mais velhos chamavam o aluno de “burro” quando ele não respondia alguma coisa, como isto afetava a saúde emocional dele? É possível para uma mãe com baixa escolaridade auxiliar seu filho em processo de alfabetização, sobretudo, neste momento de pandemia e aulas não presenciais? Como as famílias de baixa renda, com casas pequenas e muitos filhos conseguem possibilitar um espaço e momentos de aprendizagem para os filhos?

Essas questões deram origem aos objetivos que orientaram a análise dos dados e a elaboração deste relato de experiência.

## OBJETIVOS GERAIS

Compreender os processos de ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento no contexto da pandemia e de ensino não presencial, quando os familiares passaram a mediar e orientar de forma mais efetiva a realização das atividades escolares.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1- Analisar as interações familiares durante o desenvolvimento de aulas online por meio do aplicativo WhatsApp;
- 2- Analisar a relação que uma mãe de baixa escolaridade estabelece com as atividades escolares quando tem que auxiliar o filho no processo de alfabetização, neste momento de pandemia e aulas não presenciais;
- 3- Investigar aspectos relacionados à organização do espaço doméstico que podem influenciar no processo de ensino e aprendizagem;
- 4- Identificar as intervenções realizadas pela mãe durante as atividades escolares e compreender os resultados dessas intervenções na aprendizagem da criança.

## PERCURSO METODOLÓGICO

O relato de experiência têm como base a pesquisa qualitativa, que consiste em uma abordagem que busca estudar fenômenos sociais e comportamentais dos seres humanos, “hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (Godoy,1995).

Para a escrita do relato de experiência foram feitas análises dos documentos presentes no banco de dados constituído no Google Drive elaborado durante todo o desenvolvimento do subprojeto do Programa Residência Pedagógica. Neste banco de dados estão as gravações das reuniões com a orientadora do subprojeto e com a professora preceptora, atas feitas pelas residentes sobre as reuniões realizadas, das atividades elaboradas pelas residentes, produto de atividades realizadas pelos alunos, planos de ensino tutorado utilizados pela escola, dentre outros.

Para a análise de dados foram lidas todas as atas das reuniões realizadas pelo Programa Residência Pedagógica e após a leitura foram selecionadas as atas que apresentavam referências ao aluno pesquisado, e após a análise e a seleção das atas, foram selecionados as gravações referentes às atas para a realização das transcrições. Todas as reuniões transcritas relataram cenas vivenciadas pelas residentes com o menino e sua família durante as realizações das aulas remotas.

Ao todo foram transcritas seis reuniões, que foram usadas como dados para este relato de experiência. As transcrições a princípio seriam transcritas por meio de um aplicativo, porém o aplicativo não estava transcrevendo as falar com clareza, então as transcrições foram feitas manualmente.

Para a realização das análises teóricas acerca do assunto tratado foram estudados autores como: Soares (2020), Dalben (2019), Barrera e Maluf (2003), Macedo (2022), Machado (2011), Morais (2012).

## **O PROCESSO INICIAL DE APRENDIZAGEM DA ALFABETIZAÇÃO E A RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA**

Conceituar a alfabetização e o letramento é parte fundamental para tratarmos do tema deste trabalho, sobretudo, porque o termo letramento é pouco conhecido pela sociedade.

A alfabetização é o processo de apropriação da ‘tecnologia da escrita’, isto é do conjunto de técnicas-procedimentos, habilidades necessárias para a prática da leitura e da escrita”(SOARES 2020 p.27) , e o letramento é a “ capacidade de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita.” (SOARES 2020 p.27).

Ambos os processos são cognitivos e linguísticos, porém são distintos, embora pareça complexo, ambos são interdependentes e devem acontecer de forma concomitante, respeitando as suas especificidades didáticas. Segundo Soares (2020), existem pessoas que não são alfabetizadas porém são letradas, pois o uso social da língua é diferente da aquisição da língua escrita pois o “letramento é um conceito complexo e diversificado. Em primeiro lugar, porque são várias e heterogêneas as práticas sociais que envolvem a escrita em diferentes contextos na família, no trabalho, na igreja, nas mídias impressas ou digitais” (SOARES 2020 p.32).

Pensando na “alfabetização escolar”, é muito comum vermos práticas de alfabetização e letramento juntas para que as crianças consigam ler e escrever alfabeticamente e consigam também fazer o uso social da língua que vai além da escola. Porém com o início da pandemia muitas mudanças foram feitas para nos adaptarmos ao novo normal, e com as mudanças também no meio escolar o processo de alfabetização se tornou ainda mais complexo pois as famílias tiveram que assumir um papel que elas nunca tiveram antes.

O ensino remoto nos impede de conhecer mais a fundo a criança, pois muitas das vezes as atividades recebidas não nos mostram com clareza os resultados obtidos. O processo de mudança e adequação do ensino presencial para o ensino remoto ocasionou uma defasagem muito grande no ensino, principalmente, para as crianças que estavam no processo de alfabetização.

Para conseguirmos entender e organizar as nossas intervenções foram utilizadas avaliações diagnósticas para que a partir dos resultados obtidos dividíssemos os alunos em grupos e assim trabalharmos mais focado nas dificuldades de cada grupo de forma mais objetiva, a avaliação diagnóstica que acontece na escola é um conceito abordado por Soares (2020), que o compara aos diagnósticos feito pelos médicos

[...]usamos diagnósticos com o objetivo de identificar dificuldades que as crianças estejam enfrentando por meio de seus erros, que são os ‘sintomas’ que nos permitem definir e

orientar a intervenção, como o médico define o tratamento identificando a doença por meio de sintomas.”(SOARES 2020 p.310)

Ressalto que diagnosticando os “problemas” da turma fica mais fácil fazer intervenções mais pontuais e objetivas. Nesse sentido, durante o processo de aplicação das avaliações diagnósticas foi possível conhecer a turma e programar atividades voltadas para as necessidades de cada aluno visando sua evolução e aprendizado.

A alfabetização costuma ser a parte mais temida de todo processo de escolarização das crianças, existe uma tensão muito grande entre os professores, pais e até as crianças, pois algumas crianças avançam mais rápido que outras, ou então não atendem às expectativas dos professores e das famílias gerando frustração e desânimos.

Após a aplicação da avaliação diagnóstica e a análise dos resultados, os alunos foram organizados nos seguintes grupos: pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético. Cada grupo corresponde a uma fase de escrita, por exemplo, a criança que está no nível pré-silábico “ainda não descobriu o que a escrita nota ou registra no papel a pauta sonora, isto é, a sequência de pedaços sonoros das palavras que falamos.”(MORAIS, p.54). A outra fase é a silábica, na qual “muitas crianças, depois de terem colocado uma sequência de letras ou marcas gráficas para notar determinada palavra ao ler ou escrever, tendem a pronunciar a palavra dividindo-a em sílabas e buscando fazer corresponder às letras.” (MORAIS, p.57). Após esta fase vem a fase silábica- alfabética que corresponde “a criança que já descobriu o que a escrita alfabética nota, em lugar de achar que se escreve colocando uma letra em cada sílaba, descobre que é preciso 'pôr mais letras'.” (MORAIS, p.62), por último temos a fase alfabética, que é considerada a última fase de conceituação da língua escrita, quando “as crianças resolvem as questões o que e como da forma como o fazemos nós adultos, bem alfabetizados e usuários do português: colocando, na maioria dos casos, uma letra para cada fonema que pronunciamos.” (MORAIS, p.64).

## **AS REUNIÕES DE ORIENTAÇÃO E O PLANEJAMENTO DAS AULAS MINISTRADAS PELAS RESIDENTES**

Ao transcrever as gravações das reuniões que aconteciam no Programa Residência Pedagógica foi possível identificar as interferências da mãe e também do ambiente doméstico no processo de aprendizagem do filho. Em vários trechos das transcrições fica nítida a dificuldade de concentração do aluno por causa desse ambiente doméstico. Analisamos trechos que nos mostraram a dificuldade de aprendizagem do aluno e como isto, às vezes, era confundido com a questão do comportamento, como a preguiça e a falta de interesse. Por outro lado, também foi possível perceber na fala das residentes as habilidades que o aluno possuía, apesar das reiteradas falas da mãe afirmando o contrário. Analisaremos

também uma reunião onde as residentes e a coordenadora decidem reunir-se com a mãe do aluno. Como estava muito difícil trabalhar em um ambiente conturbado, cheio de barulhos, as residentes que compunham o grupo, a coordenadora e a preceptora do projeto, decidiram fazer uma reunião com a mãe do aluno para explicar que era necessário ter um ambiente mais tranquilo, permitindo uma melhor concentração e conseqüente aprendizagem. Após essa reunião as residências observaram melhorias no ambiente e na concentração do aluno.

Na reunião que aconteceu no dia 16 de abril/2021 as residentes conversaram sobre um ditado que havia sido feito na semana anterior. O ditado foi feito remotamente por meio de ligações e chamadas de vídeo para que assim as residentes, a coordenadora e a preceptora pudessem analisar em qual nível da escrita a criança estava pré-silábico, silábico em transição, silábico e alfabético. Conforme já foi explicitado, esta avaliação diagnóstica havia sido aplicada com base no pensamento da Magda Soares onde ela trás a avaliação diagnóstica como objetivo de identificação das dificuldades das crianças em processo de alfabetização.

Durante a reunião a residente 1 relatou que durante a aplicação do ditado houve interferência da mãe, e o menino demonstrou comportamento de preguiça e desânimo.

R1- O menino a gente aplicou na última segunda-feira às 3:30, nós consideramos ele pré-silábico. Por parte da mãe não teve tanta interferência, porém ele demonstrava não aguentar mais fazer o ditado, mesmo tendo sido muito rápido, aí a mãe dele ficava " uai mais você sabe, por que você não está querendo fazer?". E no final algumas palavras ele colocou só uma letra, mas ao meu ver era mais por preguiça e por querer acabar logo, não era porque ele não tinha o conhecimento não.

R1- No final eu ouvia a mãe dele falando 'que isso menino que você tá escrevendo, a não', aí eu reforcei com ela pra deixar ele escrever do jeito dele que depois íamos trabalhar isso, no fundo eu ouvia ela falando, ' nossa eu não sirvo pra ser professora, olha que menino preguiçoso'.

(TRECHOS DA TRANSCRIÇÃO DA REUNIÃO DO DIA 16 DE ABRIL/2021)

Na reunião do dia 11 de junho foi relatado pelas residentes os acontecimentos de duas aulas que haviam sido ministradas durante a semana e nessa reunião as residentes relataram sobre como a aula havia sido e sobre o comportamento, dificuldades e habilidades do menino e a interferências da mãe.

R1- Só que teve uma certa intervenção da mãe e da irmã, só no final que elas saíram e deixaram o menino por conta própria. Aí no segundo encontro a gente começou a trabalhar com as sílabas, só que a gente percebeu uma coisa diferente, em relação às sílabas e a bater

palmas ele estava muito bem e não teve interferência da mãe, só que em alguns momentos ele não conseguia identificar algumas letras, sabe?

R1- Como o menino é nítido atingiu 50 minutos ele não aguenta mais

Preceptor - Ele é nítido e outra coisa a mãe dele não dá sossego né Residente 1?

R1- Foi a gente escutava ela 'não menino' , não sei o que lá , 'você tem que prestar atenção nisso'.

Preceptora- Ela xinga ele o tempo inteiro

R1- Sim aí a gente, não mãe ,deixa o menino, aí a gente foi conversar com ela para deixar ele tranquilo, aí só no final ela deixou ele sozinho no quarto, aí no final ficou uma luta porque ele começou a brincar com o carrinho aí a gente chamava ele toda hora.

(TRECHO DA TRANSCRIÇÃO DA REUNIÃO DO DIA 11 DE JUNHO/2021)

Com a chegada da pandemia do COVID-19 toda a nossa dinâmica mudou completamente, as escolas passaram a ser dentro da casa dos estudantes, os professores ficaram mais distante dos alunos e isso acarretou na maior presença dos pais na aprendizagem dos filhos.

Segundo Dalben (2019), “desemprego, mortes, violência doméstica, abusos e tensão são vividos dia a dia e os números, gráficos que aparecem nos telejornais assustam e impactam cada um que tenta se cuidar permanecendo em casa em isolamento ou distanciamento social.” (Dalben, 2019,p.12), e como se isto já não fosse muita carga para os pais, ainda tiveram que lidar com a escolarização dos filhos, pois embora a escola encaminha-se os materiais sempre há necessidade de alguma intervenção e com a distância dos professores os pais acabaram sendo responsáveis por esta parte, e isto não foi tarefa fácil, tendo em vista que muitos pais não estavam preparados para assumir o lugar do professor. A autora destaca que

[...] os quartos se transformaram em escritórios de trabalho, ou de amontoados de pessoas que não podem sair para trabalhar ou brincar. Famílias com pessoas que ficaram desempregadas, famílias que perderam entes queridos, famílias convivendo 24 horas com pessoas com transtornos mentais, dentro de casa, famílias convivendo com suas crianças sem espaços para as correrias e brincadeiras tão importantes para o desenvolvimento de cada uma.”(Dalben, 2019,p.14)

Na reunião do dia 18 de junho às residentes fizeram um relato sobre a participação do menino na aula, explicaram como foi e sobre suas dificuldades e analisaram o porquê de ele não avançar na aprendizagem, a preceptora pontua que o espaço dele não contribui para este avanço, pois a mãe sempre conversa ao fundo, o distrai e acaba atrapalhando o desenvolvimento do filho.

R1-Eles não estão evoluindo tão rápido pois ele tem muita interferência da família, eles ficam

conversando, ele se distrai muito mas a gente está tentando, ele está avançando devagarinho mas tá.

Preceptora- Mas o ambiente em que ele está é muito desconfortável e muito conturbado as meninas parece que tem que ficar gritando sabe para chamar atenção dele, para ele conseguir ouvir e para a gente ouvir ele é bem difícil.

Preceptora- É conturbado demais, eu sei até o perfume que a mãe dele comprou, ela fala muito, eles falam muito mas ela fala atrás dele aí ele já tem dificuldade de focar porque dá um tempo foi até a R1 que falou dá um tempo ele não consegue mais fazer porque é o tempo que ele já fica exausto aí ela fica atrás conversando que a vizinha comprou um kit de não sei o quê, porque a camisa da jaqueta de não sei quem, e ele fica coitado, a gente fica angustiada imagina ele que tá lá.

R1- Nossa é exatamente assim tem hora que a gente fica assim, nossa menino você está escutando a gente?, às vezes dá essa impressão, sabe, ele ainda tem a questão de que a gente tentou ensinar a baixar o meet e não deu certo ele está sendo pelo WhatsApp e tá bem conturbado a situação.

(TRECHO DA TRANSCRIÇÃO DA REUNIÃO DO DIA 18 DE JUNHO/2021)

Na transcrição acima podemos observar que além do ambiente ser muito conturbado por barulhos interno que vinham de dentro da casa, as residentes também tinham um empecilho muito grande, a falta de tecnologia, o menino dispunha de um celular e pelo que parecia esse celular era dividido entre as pessoas da família, o acesso a internet era ruim e o celular não tinha memória o suficiente para ter o aplicativo do Google Meet.

"Nos discursos das professoras, para além da escolarização e da formação pedagógica das famílias, emergiu a impossibilidade/limitação de mediação do ensino remoto, materializada por diferentes questões, como a indisponibilidade de tempo de pais trabalhadores, a restrição de equipamentos tecnológicos e a falta de acesso à internet." (MACEDO,p.60,2022)

Para as aulas remotos o menino só dispunha do aplicativo WhatsApp, pois é o único que seu aparelho celular aceitava , e com o acesso à Internet limitado era o único possível para o contato, todas as aulas eram ministrada por chamada de vídeo e isso nos deixava com recursos limitados para a realização das aulas, mesmo quando tentávamos mandar algum video ou criamos jogos os pais não conseguiam auxiliar o filho para realizar as atividades que demandavam um pouco mais de entendimento tecnológico.

A falta de tempo durante o dia para auxiliar os filhos nas tarefas da escola, o baixo nível de escolarização da maior parte dos pais, juntamente com as dificuldades de acesso à internet e às tecnologias digitais, foram limites claros na efetivação do ensino remoto.

(MACEDO,p.111,2022)

Na reunião do dia 19 de julho às residentes relataram que a aula foi diferente pois o menino estava em uma fazenda, onde a mãe realizava limpeza em alguns dias do mês, e elas contam que essa aula foi completamente diferente do normal, pois havia silêncio, calma e concentração durante a aula.

R2- Ele estava na Fazenda, não sei é fazendo o que ele falou, e não tinha barulho nenhum nem de passarinho nem de nada, então foi outra coisa assim ele estava bem esperto na aula essa semana.

R2- Olha eu percebi assim ele teve facilidade de contar as sílabas, depois da aula de bater palma ele pegou muito rápido de som sabe, mas com as letras ele ainda tem muita dificuldade.

Coordenadora- Olha eu estou achando que o menino não conhece todas as letras do alfabeto e que o menino ainda não entendeu o que a escrita representa, ele é pré silábico a gente vai ter que investir nisso para ele ter essa percepção e ajudar o menino.

(TRECHO DA TRANSCRIÇÃO DA REUNIÃO DO DIA 19 DE JULHO/2021)

Após a análise da aula ministrada as residentes juntamente com a coordenadora chegaram à conclusão que, embora o aluno compreendesse bem a sequência de segmentos sonoros das palavras, ou seja, estava desenvolvendo a consciência fonológica, o reconhecimento das letras do alfabeto ainda precisava ser trabalhado, pois ele não havia reconhecido todas as letras na atividade proposta.

Portanto, foram elaboradas atividades com o objetivo de trabalhar o reconhecimento de letras do alfabeto, além de outras atividades que possibilitasse a reflexão fonológica, para que o menino avançasse do nível pré-silábico para o silábico. De acordo com Barrera e Maluf (2003) ,"de forma genérica o termo consciência fonológica tem sido utilizado para referir-se à habilidade em analisar as palavras da linguagem oral de acordo com as diferentes unidades sonoras que as compõem." (BARRERA; MALUF, 2003, p. 492).

Na aula do dia 23 de julho às residentes relataram como a aula tinha sido difícil, e durante seus relatos a coordenadora ficou muito assustada e cogitou a ideia de parar com as aulas online, pois o ambiente onde o aluno estava não era apto para o aprendizado e estava se tornando algo traumático tanto para o menino, quanto para as residentes, então, depois de muita conversa e debate foi decidido reunir com a mãe para tentarmos melhores condições para as aulas online.

R2 - Era barulho mais tanta barulho mais tanto barulho que parecia uma guerra na casa dele e ele lá, e era engraçado a gente tava dando aula e aparência um tanto de gente na câmera, umas crianças querendo participar também, no uma muvuca, acho que foi uma das piores aulas de

todas , que a gente teve com ele , a gente tentou gravar mais como e pelo whatsapp a gravação de tela não pega o áudio, só a situação mesmo, mais a gente queria ter gravado mesmo mas não teve como foi horrível coordenadora, eu não tava aguentando mais, era tanta gritaria que a gente não conseguia falar.

Coordenadora - Não gente, isso não vai dar pra gente continuar nesse esquema.

R1 - Não sei se residente 2 chegou a comentar mas teve uma hora que ele estava nitidamente cansado aí a residente 2 falou assim vamos finalizar então menino, aí a mãe dele gritou no fundo , vai sim ele ta e com preguiça, de qualquer jeito ela queria que ele seguisse com a aula até o final.

Coordenadora - A mãe fala brava de forma ríspida com ele ?

R1- Sim

R3 - Sim, e ela acusava ele , pois estava com preguiça sabe “ ele quer continuar sim.” Era nítido que ele não queria, aí a gente naquela situação, aí falamos que íamos fazer só mais uma pra finalizar aquilo pra ele não ficar sendo forçado sabe, nó realmente essa última aula foi a pior de todas.

R1- Foi e eu comentei com as meninas que teve um momento em que a mãe dele mudou ele de lugar e foi puxando ele pelo braço, e eu olhava pras meninas e pensava, esse menino vai tomar um ódio da gente, porque fica parecendo que a gente só liga pra ele pra ele parar de brincar e a mãe ficar xingando ele sabe, então assim a última aula foi muito muito muito triste, no eu sai assustada coordenadora.

Coordenadora- E eu também estou.

R2- Foi horrível a gente tava conversando aqui, porque desde o início ele já estava bem cansado, então a gente foi tentando e tal, passando um tempo muita gritaria a gente viu que não ia conseguir, aí a gente falou menino você quer fazer isso na outra semana, você está muito cansada e está tudo bem, mas você tem que entender que na próxima você terá que fazer, vai ter que está preparado e descansado para a aula, pra ele não tomar raiva da gente, aí a mãe dele tava assim, 'não é preguiça ele quer sim'.

(TRECHO DA TRANSCRIÇÃO DA REUNIÃO DO DIA 23 DE JULHO/2021)

Toda esta situação nos possibilitou aprender muitas coisas e de acordo com Dalben (2021) “todos estamos nos tratando sobre a nossa capacidade de termos paciência, temperança, solidariedade, empatia, colaboração e resiliência.” (Dalben, 2019,p.14). Com o ensino remoto às salas de TV, cozinhas e varandas viraram salas de aulas, e com isso toda família começou a fazer parte do dia a dia escolar dos alunos,

porém isso acarretou várias dificuldades a baixa concentração do aluno, na dinâmica da aula, compreensão do que foi aprendido e até mesmo a dificultou a comunicação entre o professores e alunos. Essas mudanças acabaram exigindo muito dos pais, que não estavam preparados para auxiliar seus filhos durante o ensino. Tal aspecto acarretou a falta de paciência, por conta das responsabilidades excessivas e uma carga emocional muito grande, que muitas famílias não souberam lidar.

Durante a reunião também foi comentado por uma das residências a falta de estrutura que havia nesta casa, pois em uma casa onde aparentemente moravam várias pessoas adultas a criança de 6 anos tinha que ir buscar a cesta de alimentos não perecíveis que a escola ofertava, sozinha no carrinho de mão, e diante deste e de outros relatos a coordenadora decide parar com as aulas online.

R1- A irmã do menino, ela salvou meu contato e eu vejo os status dela e um dia desses eu vi ela postando algo do tipo 'a la minha mãe mandou ele buscar a cesta da escola no carrinho de mão' e aí mostrou ele sabe?

Coordenadora- Ele está carregando com o carrinho de mão ?

R1- sim

Coordenadora - Mas ele é pequeno

R1- Pois é

Coordenadora- Nossa gente

R1- O menino está sendo bem complicado

Coordenadora- Olha eu queria parar, eu quero parar, a preceptora não está aqui mais aí a gente conversar com ela, porque o que a gente tá fazendo é muito complicado, isso não é educação, isso não é ensino, não tem como ensinar numa situação como essa.

Coordenadora- Vocês observam que é um ambiente muito carente, muito pobre ou não?

R2 - Sim muito vulnerável, tipo eu falo que é um cômodo só mais eu acredito que tenha mais, só que eu não sei o que acontece a mãe dele poderia deixar ele no cantinho da casa mas não sabe

R1- É o núcleo familiar dele é muito muito grande sabe são 3 irmãs e cada uma das irmãs já tem tipo 2 filhos, eu não sei se moram todos na mesma casa mais quase sempre estão todas as crianças lá, tem sobrinho da idade dele tem mais novos e um grupo família muito grande sabe. A gente já conversou com 2 ou 3 irmãs mais velha dele, sabe.

R3 - As vezes igual a residente 2 falou do guarda roupa , as vezes parece que existe essa necessidade da mãe vigia o menino, e nesse espaço tem tipo uma televisão e aí fica tudo

concentrado naquele espaço ali sabe, todos os ruídos a televisão ligada, e como a mãe quer vigiar ele ficam todos ali naquele ambiente sabe, eu até comentei com as meninas que ele tem medo de errar, aí a gente fica conversando com ele tipo pode falar, não tem problema errar, eu até comentei com a residente 1 que às vezes o medo dele errar e por conta da mãe que tá ali em cima em todo o momento, então ele fica meio assim, eu prefiro ficar calado, do que errar e ela me xingar, eu tive essa impressão e ela sempre tá ali em cima.

Coordenadora- É eu fico muito assustada com isso, eu já estava preocupada porque a gente não pode ser motivo pra essa mãe bater nesse menino e ameaçar essa criança e aí eu estou pensando da gente parar de trabalhar com ele no online, mesmo que a gente já tenha feito o contato, eu não sei como nós vamos fazer essa mensagem pra avisar a ela.

(TRECHO DA TRANSCRIÇÃO DA REUNIÃO DO DIA 23 DE JULHO/2021)

Ao analisarmos esse trecho da reunião, fica nítido a veracidade do pensamento da Machado 2022,

"Com o passar dos anos é possível observar os diferentes tipos de violência que ocorrem no mundo e no Brasil, dentre elas, a violência intrafamiliar, que se dá entre os membros da própria família, entre pessoas que têm grau de parentesco ou pessoas que possuem vínculos afetivos, sendo que seus maiores alvos são crianças e adolescentes. Este tipo de violência acaba repercutindo no âmbito escolar, onde a criança passa a maior parte do seu tempo e, possivelmente, isso ocasionará dificuldades no desenvolvimento, na aprendizagem e no relacionamento com colegas e professores." (MACHADO, p.38, 2022)

Em alguns momentos, nos deparamos com cenas de violência física e verbal, e por muitas vezes não foi possível intervir de forma adequada. Essa relação familiar, reflete no aprendizado e interação do menino com a gente, pois, muitas vezes, ele não arriscava responder algumas perguntas e não se envolvia com as atividades propostas devido às atitudes violentas da família.

Apesar de toda dificuldade, as residentes não queriam finalizar as aulas com o menino, pois além do compromisso com a aprendizagem dele, existia toda uma questão de como ele iria se sentir ao saber que não haveria mais o contato, e de como a mãe entenderia essa situação e passaria a tratar o seu filho em casa.

R1- Então coordenadora eu fico até com aperto no coração com isso de deixar o menino sabe, mas eu estava comentando com as meninas, gente nós temos que tentar gravar isso pois pode parecer até um exagero nosso, mas realmente a gente não sabe mais o que é que faz, não sabe, a gente já tentou de tudo, a gente tem essa conversa com a mãe dele falando assim, não, deixe, é no tempo dele, tudo bem ele está aprendendo, mas eu não sei mais o que fazer, mas eu ainda fico meio assim de deixar ele sabe, fico me sentir

no meio em incapacitada.

Coordenadora- Não você não é incapacitada, R2 você quer falar?

R2- Bem triste sabe eu acho que o maior desafio desse período de on-line e lidar com a família diretamente, porque eu não vejo nenhum problema no aluno em si sabe, pois como ele tem alguma dificuldade me dar mais vontade tipo, o que eu posso fazer para a melhora, eu acho um desafio entendeu, pois é coisa de criança que eu vou lhe dar mais pra frente, o que é que eu posso fazer, porque ele tem capacidade para aprender. É muito ruim falar olha gente não vai mais poder trabalhar assim, eu fico muito triste com isso, mas infelizmente é a nossa realidade.

Coordenadora- Eu também fico com muito pesar da gente está abandonando o menino e como você disse residente 2 não é a criança e a família não, é a família que está colocando impondo pra gente desafio a minha preocupação com o menino são os maus tratos...meu problema é a questão dos maus tratos, da gente continuar sendo talvez um motivo para intensificar mais os maus tratos essa está sendo a minha preocupação. (TRECHO DA TRANSCRIÇÃO DA REUNIÃO DO DIA 23 DE JULHO/2021).

O ensino remoto aproximou a escola das famílias, possibilitou uma compreensão de fatos que não conhecíamos, pois entramos nas casa dos alunos e lá compartilhamos de momentos com pessoas que tinham atitudes variadas.

Dalben (2019) afirma que “neste clima de mudanças, as pessoas envelhecem, adoecem, tornam-se mais violentas, menos felizes, menos alegres, mais vulneráveis a toda e qualquer nova tensão ou nova pressão”(Dalben, 2019,p.15). Isto acaba gerando problemas que apareceram mais adiante nos filhos e até mesmo na própria família. Por essa razão, a relação família escola tem que acontecer de modo mais empático pelos dois lados e que este processo novo que todos estamos passando venha fluir de maneira que ambas as partes tenham no final deste processo uma relação melhor.

R2- Outra questão né coordenadora, porque mesmo com tudo isso o menino era o único estava participando do grupo então a mãe faz muita questão desse momento com ele ,então chegar e falar olha não vamos mais trabalhar dessa forma on-line, pode ser que ela interprete dessa forma, você não quis fazer as coisas que até a professora desistiu de você, então é algo que tem que ser muito bem planejado para a conversa, porque ela pode interpretar dessa forma, a forma com a mãe dele vai interpretar isso pode causar essa sensação sabe, olha as professoras nem querem mais trabalhar com você por conta disso, então essa é a minha preocupação, também como que a gente vai levar isso pra

ele? Porque ele vai continuar e ela querendo ou não ela acompanha ela, faz questão de estar lá com a gente na segunda-feira, mesmo com todas as dificuldades ela é a única (risos).

Coordenadora- Vocês já chegaram a pedir pra ela um ambiente mais tranquilo.

R2- A gente nunca consegue conversar, assim acho que o ideal seria marcar uma reunião só com ela, conversar com ela sim sabe, explicar pra ela perguntar se é possível nesse momento ela colocar ele em um ambiente mais tranquilo, antes da gente pensem em desistir, não desisti sabe mais desse tempo para ir justamente para não causar essa sensação de para, e ele ficar traumatizado, esse desconforto todo.

(TRECHO DA TRANSCRIÇÃO DA REUNIÃO DO DIA 23 DE JULHO/2021)

No dia 03 de setembro a reunião foi voltada para entrega dos kits que as residentes haviam produzido para seus alunos o kit que o menino recebeu continha lápis de colorir, lousa, giz, atividades produzidas pelas residentes, alfabeto móvel, cartolina com uma parlenda, isso foi pensado para o desenvolvimento do aluno tendo em vista suas dificuldades, e também foram mandados materiais pensando na precariedade dos materiais que o aluno aparentava ter, pois nas aulas só eram vistos um lápis de escrever um caderno e uma borracha. Durante a reunião foram comentados sobre a entrega desse kit e como o aluno se sentiu, E como foi a mudança após a reunião com a mãe.

R3- Parece que ela(mãe) não deixou ele brincar, mexer no kit então tipo assim colorir as folhas, escreveu no quadro, então estava muito empolgada toda hora ele perguntava acabou já podes colorir, aí eu falava assim, não vão terminar a última pra você colorir a ir falava ai então tá bom, e assim eu vi que toda hora a mãe falado 'cuidado com lápis não deixa o lápis de cor cair', ela estava muito com isso cuidado sabe?

Coordenadora- Ele não tinha material nenhum?

R3- Eu não sei tipo assim o contato que é que ele tem um caderno um lápis escrever uma borracha, porque todo o tempo ele brincava com uma borracha e a mãe tomava borracha da mão dele, mais lápis de colorir quadro a gente realmente nunca viu sabe coordenadora.

Coordenadora- Olha, só que legal a gente devia ter feito isso antes.

Preceptora- A carinha dele nada paga a carinha dele, muito bonitinho

Coordenadora- A residente 3 falou que na segunda aula ele estava no quarto todo organizado em silêncio, gente eu estou encantada com isso, olha isso vale até pras outras experiências que a gente possa ter aí, porque foi muito legal mesmo. (TRECHO DA TRANSCRIÇÃO DA REUNIÃO DO DIA 03 DE SETEMBRO/2021)

Analisando as questões sobre vulnerabilidade e falta de recursos da família é notável que a falta de estrutura e de conhecimento sobre o processo de ensino-aprendizagem e as condições necessárias para desenvolver habilidades de leitura e escrita e também a falta de recursos financeiros nos levam a concordar com Dalben 2021 sobre a seguinte afirmação “Iares em que as pessoas que ali convivem

possuem níveis mais elevados de escolarização terão mais sucesso nos processos de mediação das atividades escolares dos estudantes na pandemia” (DALBEN, 2021, p.27). Porém, já os lares de classe baixa e mais vulneráveis vivem uma realidade bem diferente, e muito mais difícil pois precisam tentar conciliar muitas atividades ao mesmo tempo e com poucos recursos, e mesmo assim ainda existem pessoas nestas situações que estão dando conta destas demandas.

A pandemia nos mostra como a desigualdade educacional segue sendo gritante e a cada dia mais acentuada, nos mostra, também, o descaso das autoridades com estas pessoas e com a escolarização dos seus filhos, pois pouquíssimas escolas tiveram apoio tecnológico para as famílias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou que o ensino e aprendizagem da alfabetização e letramento no contexto da pandemia e de ensino não presencial não foi tarefa fácil para os pais pois os familiares passaram a mediar e orientar de forma mais efetiva a realização das atividades escolares, e isto exigiu muito de ambas as partes, professor/ família, pois tudo teve que se reorganizar para que as aulas remotas fossem possíveis.

Nesta perspectiva, os pais passaram a ter um papel mais efetivo na aprendizagem dos filhos o que trouxe alguns conflitos no novo 'ambiente escolar' dos alunos. Muitos pais não souberam lidar com tais mudanças e acabaram sendo agressivos, violentos verbalmente e fisicamente, sem paciência com os filhos o que gerou desconforto para os professores e para os alunos e acarretou o desinteresse dos alunos, baixa participação, momentos de silêncio, pois com o medo de errar os alunos ficavam calados durante toda a aula. Diante da complexidade do momento vivido e das incertezas, pois a pandemia do Covid-19 trouxe muito medo, tensões e privações, os familiares ainda tiveram que aprender a auxiliarem seus filhos dia a dia nos afazeres doméstico, e isso gerou muita tensão dentro de casa, os pais ficaram mais nervosos, agitados e até mesmo mais violentas, mesmo com o professor do outro lado da tela muitos pais não se policiavam ao falar e ao agir com seus filhos, o que infelizmente foi uma realidade lastimável, e o professor teve que se por em um lugar de vigilância pois embora ele intervenções, por muitas das vezes eles se viam de mãos atadas.

Junto do despreparo dos pais, e até por falta de informação, veio a má organização do espaço de estudo do aluno, pois muitas das vezes os alunos se encontravam na sala de televisão, no quintal, em meio a ambientes muito conturbados e cheio de barulhos, o que atrapalhava o raciocínio e os impedia de concentrar para realizar as atividades propostas. Mais ao conversar com os pais e passar as informações adequadas e explicar a importância de se ter um ambiente calmo, silencioso, onde o aluno pudesse ficar sozinho para que realmente se concentrasse e realizasse as atividades corretas, foi possível ver as mudança que a família tomou, algumas vezes falta um pouco de comunicação entre a escola e a família, pois existem questões que são nítidas para a equipe escolar, mas não é tão nítido nas casas dos alunos, e esta falta de comunicação atrasa um pouco os avanços dos alunos.

Dentre as várias dificuldades tidas pelos professores e pais neste ensino remoto, a falta de recursos tecnológicos foi um impasse muito grande, pois tudo dependia dos recursos tecnológicos. Um bom acesso a internet, um aparelho que comportasse todas as atividades propostas, os vários aplicativos necessários para se realizar as aulas, enfim vários foram os requisitos tecnológicos para a realização destas aulas. A realidade que vimos era uma falta de recurso, uma internet limitada, muitas das vezes as famílias dispunham de um aparelho celular para todos os membros da casa, e com isso os celulares não comportavam os aplicativos e nem realizavam as atividades propostas, as chamadas travavam toda hora,

os alunos não conseguiam finalizar uma aula, pois o aparelho travava, descarregava, os pais recebiam ligações durante as chamadas de vídeo. Além do professor ter que aprender a lidar intensamente com as famílias durante as aulas, ele teve que por muita das vezes contar com a 'sorte' para conseguir realizar suas aulas.

Dessa forma, este estudo trouxe reflexões sobre como foi o processo de alfabetização durante o ensino remoto, mas principalmente evidenciou como ele foi conturbado mediante as dificuldades que vieram junto com este ensino, como a falta de recursos tecnológicos impediu os professores aprimorarem melhor o ensino, e também trouxe várias análises de como os pais estavam despreparados para este papel de orientadores, e como algumas atitudes que eles tiveram durante o ensino remoto foi prejudicial para seus filhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRERA, S. D.; MALUF, M. R. Consciência metalinguística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 3. p. 491-502, 2003.
- Ciasca SM. Distúrbios e dificuldades de aprendizagem: questão de nomenclatura. In: Ciasca SM. *Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003. p.19-32
- DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. Relação família x escola em tempos de pandemia. *Paidéia: r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum., Soc. e da Saú, Univ. Fumec, Belo Horizonte*, v. 14, n.22, p. 11-29, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/8326>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- GODOY, Arilda Schmidt. PESQUISA QUALITATIVA: TIPOS FUNDAMENTAIS. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.  
Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 dez. 2021.
- IDE, Sahda Marta. Dificuldades de aprendizagem: uma indefinição? *Revista da FAEEBA, Salvador*, v. 11, n. ja/ju 2002, p. 57-64, 2002.
- MACEDO, M. do S. A. N. (2022). LIMITES E POSSIBILIDADES DO ENSINO REMOTO DA ALFABETIZAÇÃO: O QUE DIZEM AS ALFABETIZADORAS NO INTERIOR DO CEARÁ. *Revista Brasileira De Alfabetização*, (16), 103-116. <https://doi.org/10.47249/rba2022594>
- MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). *Retratos da alfabetização na pandemia da COVID-19: Resultados de uma pesquisa em rede*. [S. l.: s. n.], 2022. 395 p.
- MACHADO, Tássia Brenner; BOTTOLI, Cristiane. Como os professores percebem a violência intrafamiliar. *Barbaroi, Santa Cruz do Sul*, n. 34, p. 38-59, jun. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782011000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782011000100004&lng=pt&nrm=iso). acessos em 20 jun. 2022.
- MORAIS, Artur Gomes. *Sistema de escrita alfabética*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.(Capítulo 2) in: *Sistema de escrita Alfabética*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.P.44-79
- POPPOVIC, A.M. "Alfabetização: disfunção psiconeurológica. 3. ed., São Paulo, vetor Editora Psicopedagógica Ltda., 1968
- SOARES, Magda. *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020. p .
- SOARES, Magda. *Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020. p 309-.